



P. Luz

2023

Ficha catalográfica elaborada com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P111a P. Luz

ATO / P. Luz - 1. ed.

Porto Alegre, RS: Ed. do Autor, 2023.

ISBN: 978-65-00-67011-0

1. Ficção Científica 2. Aventura 3. Romance

I. Título.

CDD: B869.3

SUMÁRIO

Antártida, janeiro de 2020	5
ATO I: PRÊMIO	8
ATO II: PENSOS	10
Flikaaaaaaaaá!	11
Mundo do além	15
Esquecidos	28
Torres	32
Antártida	36
Diário no navio	42
A Stadium 26	47
ATO III: PROCURANDO OLY	54
ATO IV: TRABALHOS DE PHELIX	75
Na escadaria	85
Contato	86
Cosmos	91
<i>Educação</i>	97
<i>Tecnologia</i>	103
<i>Sistema Monetário</i>	109
<i>Qualidade de Vida</i>	111
<i>RITMo</i>	113
ATO FINAL	116
Momento aha!	117

À LUZ
PAZ & AMOR

Antártida, janeiro de 2020

- *"Um acidente na Estação de Escavação Antártida deixou um pesquisador gravemente ferido, nossa equipe veio até o local para tentar conseguir mais informações sobre o ocorrido."* - A repórter tentava inutilmente parar de tremer, o ar gélido queimava suas bochechas e seus olhos lacrimejavam.

As máquinas que perfuravam a espessa camada de gelo estavam paradas, um Módulo de Emergência foi enviado, aquela parecia ser uma grande notícia, mas era notório que a repórter sabia que havia algo a mais. O câmara sinalizou com a mão, mostrando que haviam parado de transmitir.

- *"As perfurações não pararam depois do acidente..."* - como um eco, essa informação anunciada por um de seus colegas, de outra emissora, ficou recorrente na mente da repórter, pois contradiz o que havia reportado minutos antes - *"Até onde sabemos, eles pararam tudo duas semanas atrás."* - É claro que aquilo não fazia sentido, interromper as perfurações antes de extrair o produto seria um enorme desperdício de recursos.

O responsável pela equipe que realizava as perfurações, parou em frente aos repórteres, levantou a mão esquerda e com um movimento de pinça, uniu os dedos mínimo, anelar e médio ao polegar, deixando somente o dedo indicador apontando para cima, permitindo que todos identificassem seu Stadium, houve um silêncio, as câmeras foram ligadas novamente e transmitiam ao vivo.

- *"Agradecemos pela paciência."* - O homem com aparência preocupada, fracassou ao tentar parecer calmo. -

“Como todos sabem essa manhã ocorreu um infeliz acidente, um dos nossos engenheiros caiu quando uma das estruturas de perfuração cedeu com o gelo, o equipamento de proteção impediu que a queda fosse fatal, ainda não temos informações sobre seu estado, mas garanto que estamos fazendo o possível para que ele se recupere.”

- “Houveram boatos de que a perfuração já estava parada, há algum motivo para isso?” - O mesmo repórter, que havia falado sobre isso em segredo, chamava a atenção para si e perguntava. Por um momento o entrevistado pensou em como deveria responder, ele também não sabia muito.

- “Há duas semanas...” - começou a falar com voz embargada - “um grande bloco de gelo se destacou de uma das áreas trabalhadas, percebemos que havia algo de diferente, aparentemente um pinguim-imperador estava congelado nele.”- A repórter não era uma grande conhecedora de pinguins, mas sabia que à profundidade que estavam perfurando, não eram poucas as eras de gelo passadas, aquela espécie de pinguins não era tão antiga, era? - “Hoje, um pouco antes do acidente, estávamos retirando o bloco de gelo que se tornava mais translúcido com o aumento da temperatura, quando percebemos que se tratava de uma menina, uma criança congelada.” - A surpresa foi geral, isso era menos possível ainda.

- “Já foram feitos os devidos registros,” - continuou, sabendo que a imprensa mundial iria querer ter acesso às informações - “a imagem dela estará disponível ainda hoje.”

Do Módulo de Emergência, uma sirene baixa soou, aquele som não era muito ouvido, mas com certeza todos o reconheciam.

- *"Ele morreu?" - As vozes dos presentes foram ouvidas.*
 - *"Quem?" - O entrevistado era o único que parecia não entender o que estava acontecendo.*
 - *"O engenheiro ferido, senhor." - Um dos repórteres respondeu - "O Módulo informou que ele está morto."*
 - *"Do que você está falando?" - Não houve tempo para a estranhar a pergunta, a maioria dos dispositivos móveis tocavam, alguém havia conseguido a foto da garota e todos olhavam para ela. Os presentes não se lembrariam exatamente dos acontecimentos daquele dia, mas com certeza nunca esqueceriam aqueles olhos azuis.*
- Dava-se início a uma das maiores pandemias dos últimos séculos.*

ATO I: **PRÊMIO**

Já anoitecia, o clima agradável do dia havia ido embora e a noite trazia um vento frio mostrando que o verão ainda estava longe. A cidade estava agitada, mas nada se comparava ao que estava prestes a acontecer.

Olhando pela janela do carro, Phelix tentava controlar o turbilhão de pensamentos que chegavam a sua mente, estaria fazendo o certo? Realmente merecia aquilo?

A janela refletia seu rosto, era assombroso ver como havia envelhecido, os olhos escuros não tinham o mesmo brilho e as marcas de expressão lhe faziam parecer mais velho do que era. Os acontecimentos dos últimos anos lhe afetaram profundamente. De quem seria aquela aparência tão perturbada?

Sophia continuava calada, ela não havia dito nada desde que tinham deixado o hotel. Olhou para seu rosto mal iluminado pelas luzes da rua, ela mantinha os olhos fechados, seus cachos negros caíam do coque sobre o rosto e pescoço, ele gostaria de saber o que ela pensava. Estava linda como sempre, o que um artista da Grécia antiga não daria para retratar aquela beleza em uma escultura? Mas a julgar pela sua expressão tensa, aquele era o último lugar onde ela gostaria de estar.

- “Sr. Paeon?” - A voz do motorista lhe fez sobressaltar, como se tivesse saído de um transe olhou para o rapaz e esperou que ele falasse. - “Chegamos”.

Sentiu o peito inflar e o coração disparar, não havia como voltar atrás. Esperou que o motorista abrisse a porta do carro e segurou firme em sua bengala, o toque do objeto tão familiar lhe trouxe uma certa calma, não havia nenhuma utilidade real para ela, mas era reconfortante. Respirou fundo e levantou, sendo imediatamente atingido por uma enxurrada de

flashes e vozes de repórteres que tentavam conseguir alguma informação antes do evento. Sophia parou ao seu lado, ficando ainda mais desconfortável com toda aquela atenção.

O BIT era o maior prêmio de tecnologia do mundo. Uma rápida pesquisa na internet, tornava possível conhecer os antigos ganhadores e ler sobre seus trabalhos. O único homenageado daquele ano, Phelix Paeon, aos 38 anos havia mudado radicalmente as formas de comunicação ao nível global.

Phelix esperou que a cerimônia fosse iniciada, teve a vaga impressão de ter ouvido um dos oradores apresentar seu trabalho e dar ênfase à importância do que ele havia desenvolvido, mas não poderia dizer com certeza. A adrenalina já havia tomado conta do seu corpo e ele percebeu o quanto gostava de estar ali. Só ignorou seus próprios pensamentos quando viu que estava no centro do palco, o Secretário-Geral das Nações Unidas lhe estendia o prêmio, símbolo da honra que ele estava recebendo.

Passaram-se alguns segundos até que Phelix o segurasse, sentindo o peso simbólico que toda aquela situação carregava. Os fotógrafos se posicionaram, o Presidente pegou o microfone e fez um breve discurso, outro momento do qual ele não conseguiria se lembrar.

Minutos depois foi chamado novamente ao centro, era sua vez de falar, sentiu um nó na garganta, estava emocionado, é claro, buscou com o olhar a única pessoa que ele queria que lhe ouvisse naquele momento. Mas ela não estava lá, o acento designado à Sophia estava vazio.

- “Isso não está certo, sinto muito Sophia...” - disse mais para si mesmo do que para as pessoas que o encaravam - “sinto muito por tudo isso, mas eu não deveria estar aqui. Essa ideia nunca foi minha!” - As exclamações de assombro da platéia foram ouvidas. A cerimonialista fez menção de ir na direção de Phelix, enquanto ele se atrapalhava para segurar o

prêmio, o microfone e a bengala - “Não é minha!” - Ele se apressou em dizer - “Essa ideia veio de outro mundo!” - Devolveu o prêmio ao Secretário-Geral que o encarava atônito. Phelix, muito perturbado, saiu pela porta lateral do anfiteatro, procurou seu motorista, pedindo que o levasse o mais rápido possível para o hotel, na esperança de encontrar Sophia.

Mas, o quarto estava vazio.

Percebendo um movimento estranho e luzes do lado de fora do hotel, olhou pela janela e viu um número enorme de repórteres na entrada do prédio. A presença dos jornalistas trouxe uma grande multidão, esperavam ouvir de Phelix alguma explicação sobre o que tinha ocorrido na premiação. Seu telefone começou a tocar, o gerente do hotel interfonou várias vezes, a situação começou a ficar angustiante. Ligou a televisão, os jornais da cidade falavam sobre o ocorrido, uma foto dele com Sophia ao seu lado estampava a notícia.

Vendo todo o escândalo que havia causado, pensou que poderia trazer problemas para Sophia, caso quisessem associar a estranha recusa do prêmio a um simples desentendimento de casal. Respirou fundo e sentou em frente ao computador, já era hora de contar para o mundo a verdadeira história.

ATO II: **PENSOS**

Flikaaaaaaaaá!

O pior é iniciar... começar a escrever... pense Phelix, pense! Penso em que? Então, impossível não lembrar de detalhes fortes do ano de 2020. O mundo virou de cabeça para baixo e a humanidade se viu assolada por uma pandemia.

Já estávamos a meses em isolamento e como a maioria das pessoas na época, eu também trabalhava em casa. Por isso meu escritório havia se tornado quarto, cozinha, sala... só saía dele quando precisava ir ao banheiro. Pilhas de livros e documentos cresciam ao meu redor e eu parecia me afundar neles.

De todos aqueles dias, pouco ficou na memória, além de um sentimento esquisito de uma forçada rotina de confinamento. Mas teve um dia muito diferente.

Não tenho certeza da hora, mas sei que estava tarde, levantei da cadeira e minha coluna doeu, não lembro quanto tempo tinha ficado na mesma posição em frente ao computador até decidir fazer um café. Ainda tinha muito trabalho pela frente, a lentidão e eventuais falhas de conexão da internet me irritavam. Poxa, um profissional de tecnologia passando constantemente por isso, precisava desenvolver algo que melhorasse essa condição, que facilitasse a comunicação, tão preciosa naquele momento em que todos estavam isolados - Mas o que? - Lembro de falar sozinho, - o que eu poderia fazer que ninguém tivesse feito? Qual seria a grande ideia que mudaria de verdade aquela situação?

Taí um bom texto inicial: *em 2020 quando todos os cientistas do mundo estavam engajados em desenvolver soluções, remédios, vacinas, modelos, estimativas e previsões, eu me perguntava como um profissional de tecnologia poderia*

contribuir com seus estudos e conhecimentos para aquele difícil momento da humanidade. Vago... o sentimento era de completa incapacidade para efetivamente fazer algo. Precisava pensar... tantos anos de estudos e nada em mente. Só a chateação dos problemas de conexão da internet, tudo o que me vinha à cabeça era fazer algo para melhorar os padrões de comunicação via internet.

Até a Flika estava agindo estranhamente naquele dia, não é a toa que dizem que gatos têm muitos outros sentidos, pulou na mesa do computador e começou a se espreguiçar. Comodamente se espreguiçando, completamente alheia ao que se passava ao seu redor. Espiando a Flika de longe, me perdi no tempo, só voltei quando lembrei de tirar minha caneca, cheia até as bordas, da cafeteira, e naquele nanosegundo de distração, ouvi o som característico das teclas do computador.

- Flika! De novo não!

E lá estava Flika, passeava com seu corpo cinza e suas patinhas brancas sobre o meu teclado, já tinha virado um hábito, sempre fazia aquilo quando estava com fome ou reivindicando atenção.

- Flikaaaaaaaaá, vai acabar fechando alguma coisa! - como sempre ela me ignorou, é claro, pois já tinha concentrado em si todas as atenções, sendo o maior atrator do Universo conhecido e desconhecido, que ironia, o que mais podia fazer? Quando me aproximei para pegá-la, ela saltou. Olhei novamente para o monitor, e "pra variar", notei várias janelas de *softwares* abertas, o que me deixou ansioso, não queria perder os dados da minha última pesquisa.

Tentei fechar as abas, mas o computador travou. Levei alguns minutos fechando as diversas páginas aleatoriamente abertas pelo espetáculo de sapateado de Flika, até finalmente chegar ao meu e-mail.

Aquela imagem ainda está nítida em minha mente, o *layout* estava diferente, parecia ter informações que não

estavam ali antes, mas como, aparentemente, nada havia sido apagado, ignorei. Fui logo atender a Flika e colocar seu sachê favorito. Senti que já estava cansado demais para continuar trabalhando e o café já estava frio, então, por curiosidade e precaução, decidi olhar o e-mail novamente antes de tentar dormir.

Tive a impressão de que algo estava errado, era como se tivesse logado no e-mail de outra pessoa. Fechei tudo e abri de novo, em princípio era o meu e-mail, minha senha salva, mas ao ler as mensagens, vi que alguma coisa não estava certa, as informações não faziam sentido, anexos que eu nunca tinha recebido, contatos que eu não conhecia... perdi completamente o sono. Como as contas de e-mail são pessoais, não tinha como outra pessoa ter o mesmo nome, sem contar que as mensagens eram claramente endereçadas a mim.

Tentei escrever uma mensagem, mas notei que o teclado não funcionava - Será que você quebrou quando pulou nele? - Olhei novamente para Flika, que ao terminar de comer, parecia procurar um lugar mais agradável para dormir. Tentei usar o teclado virtual, mas não funcionava naquela página - Não é possível... - resmunguei; resmunguei; resmunguei.

Fechei tudo e abri novamente, não funcionou, só conseguia acessar com o mouse. Tentei usar outros programas, que funcionaram normalmente. De repente, o símbolo de notificações apareceu, voltei para o e-mail, surgiram dezenas de mensagens novas! Sem entender o que estava acontecendo, fechei tudo... reiniciei... tantas horas de trabalho... muito cansaço, bati no rosto para garantir que estava acordado. Olhei o e-mail novamente, não compreendia o que estava acontecendo.

Deixei tudo como estava, saí da sala e entrei no meu quarto me jogando na cama. Fechei os olhos, tentando dormir, mas não consegui, queria entender o que havia acontecido, dez minutos se passaram quando a curiosidade foi maior que o